



Presidência da República
Casa Civil
Secretaria de Administração
Diretoria de Gestão de Pessoas
Coordenação – Geral de Documentação e Informação
Coordenação de Biblioteca



BIBLIOTECA DA

PRESIDÊNCIA

DA REPÚBLICA

1 — Senhor Presidente, que lugar destina o Brasil, no contexto de suas relações internacionais, às relações que mantêm com o Uruguai?

Resposta:

O Brasil é um país que tem, no quadro internacional, praticamente com todos os países do mundo, relações amistosas, políticas, econômicas, culturais. Quer dizer, um país pacífico, que vive no mundo procurando relacionar-se adequadamente com todos os países. Mas é evidente que, nessa escala de relações internacionais, elas se diferenciam. Há países com que os nossos contatos são bem íntimos, e há outros países com que os contatos são apenas de caráter formal. No caso particular do Uruguai eu acredito que as nossas relações se caracterizem justamente por esse aspecto de maior intimidade. Desde a independência do Uruguai, em 1828, feita sob a égide do Brasil e da Argentina, nós temos procurado conviver e cada vez mais estreitar relações com o Uruguai, vendo no Uruguai um país cujo povo é nosso irmão. Vivemos intimamente, sobretudo pela contigüidade geográfica. Temos uma fronteira comum da ordem de 1.500 km praticamente permeável, em que existem cidades geminadas. Há pouco falávamos aqui em Quaraí e Artigas, nós

temos Rivera e Livramento, temos, do outro lado, Jaguarão-Rio Branco e, não só nessas cidades mas ao longo de toda a fronteira e mesmo no intercâmbio que se faz entre as populações, sobretudo as populações dos Estados do Sul, existe um sentimento de verdadeira fraternidade. Nós vemos o Uruguai, no nosso relacionamento internacional, como um país de caráter excepcional. Damos a ele, dentro do nosso quadro político, econômico e social, uma posição de destaque. Não nos preocupa, absolutamente, a dimensão geográfica nem o volume da população. O que nos preocupa é a nação uruguaia como uma nação vizinha e amiga do Brasil. E sempre temos feito tudo para que os nossos países se tornem cada vez mais amigos e, respeitando a soberania e a independência de cada um, respeitando a vida interna de cada um, as nossas duas nações cada vez se entrelacem mais pelos sentimentos de fraternidade.

2 — Senhor Presidente, como vê o Brasil a integração econômica latino-americana?

Resposta:

É um trabalho que se vem desenvolvendo já há vários anos e que procura tirar partido das afinidades que existem entre os países Latino-Americanos. De um lado é a proximidade do continente latino-americano, de outro lado é a afinidade que existe na origem que é a origem comum ibérica; uns vindos da Espanha, outros vindos de Portugal, mas vindos da mesma região que é a região ibérica e que lhes trouxe uma série de afinidades, inclusive o idioma, que é

pouco diferenciado. Mas essa integração econômica latino-americana não é fácil. Ela é um desejo, um objetivo a atingir. Só se faz progressivamente, porque de um lado ela se defronta com os interesses próprios de cada um dos países. É evidente que cada um dos países procura assegurar uma defesa para sua economia própria. Do outro lado, há problemas que transcendem o âmbito latino-americano e que têm caráter global. Eu cito como exemplo o problema do petróleo. O problema do petróleo não se pode tratar no quadro latino-americano apenas, ele tem um caráter global, e, como o petróleo, é o problema energético, de uma maneira geral. Este problema, hoje em dia, tem características mundiais e não pode ser resolvido no quadro latino-americano. Há outros, há o próprio problema do minério de ferro, e assim por diante, mas acho que se deve continuar a fazer um esforço cada vez maior para assegurar essa integração, no interesse recíproco do desenvolvimento dos nossos países. A ALALC, por exemplo, está muito longe de ser aquilo que se imaginou, não atingiu o ponto que se esperava quando ela foi concebida. Produziu, entretanto, um grande resultado, o comércio entre os países da América Latina se desenvolveu bastante. O próprio Brasil que o diga, o nosso comércio hoje com o Uruguai é um comércio já bastante desenvolvido e, nos dois sentidos, está se aproximando dos 200 milhões de dólares. O nosso comércio com a Argentina se desenvolveu muito, da mesma maneira que com o Chile, com o Paraguai e com esses países todos. E isto é, em grande parte, fruto da ALALC. Mas, torno a

dizer que esta integração é um objetivo a atingir. Não é fácil, mas acredito que vale a pena perseverarmos nele.

- 3 — Acredita o Senhor, Presidente, que o fenômeno terrorista se incrementaria no curso do presente ano? Em caso afirmativo, quais seriam, a seu critério, as medidas mais apropriadas que deveriam ser adotadas para combatê-lo?

Resposta:

Eu não posso fazer prognósticos sobre o desenvolvimento do terrorismo neste ano de 1978. O terrorismo existe não só nos nossos países como nos países da Europa, nos países do Oriente Médio, nos demais países da América, nos países da Ásia. O fenômeno, muitas vezes de fundo ideológico — e principalmente de fundo ideológico — existe com fase de maior ou menor recrudescimento. No Brasil, por exemplo, o terrorismo, durante alguns anos, se manifestou de uma maneira bastante intensa e hoje está praticamente dominado. Mas eu não posso, absolutamente, dar certeza de que amanhã não ressurja. Que a pirataria aérea, os seqüestros, os assassinatos e assim por diante reapareçam no Brasil como existem em outros países. Então o fenômeno é histórico, não é de hoje, ele já existiu muitas vezes no passado e tem fases de maior ou menor desenvolvimento, exigindo maior ou menor ação repressiva. Eu creio que esse problema poderá ser em grande parte, se não resolvido, pelo menos atenuado nos seus efeitos, se os diferentes países do mundo se

entenderem e estabelecerem normas entre eles, normas consentidas, de um combate comum. Acho que o terrorismo em si é extraordinariamente condenável, porque perturba a vida dos países, evita que os países se dediquem ao trabalho pacífico, cria um ambiente de inquietação, afora as barbaridades criminosas que ocorrem em consequência do terrorismo. Mas se os países do mundo se conjugarem no sentido de combaterem o terrorismo, sobretudo de não asilarem os terroristas, eu acredito que esse problema passe a ter uma dimensão menor e possa, inclusive, deixar de recrudescer e mesmo aos poucos se extinguir.

Eu, ao terminar esta entrevista, desejo dizer-lhe e pedir-lhe que transmita ao povo uruguaio a grande satisfação com que eu irei rever Montevidéu com minha Senhora e minha filha na próxima visita que, em fins deste mês, farei ao Uruguai. Já disse uma vez, e repito, vivi ali momentos felizes da minha vida. Tornei-me amigo de muitos uruguaios, aprendi a conhecer o povo uruguaio nos seus elevados sentimentos e será com muito prazer que eu irei fazer essa visita ao seu país. E alimento, ao lado desta satisfação, a esperança de que a minha visita possa ser útil no sentido de que através das conversações, das negociações que o meu Governo venha a fazer com o Governo uruguaio, que as nossas relações se desenvolvam ainda mais em todos os campos e que assim essa minha visita sirva para tornar o Brasil e o Uruguai cada vez mais amigos.